



Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Ciclo Atravessar o fogo
Foyer do Grande Auditório (pisso 2)
22h30
M/6

18 mai
2024

Quinteto de Guitarras Elétricas *Go Guitars*

© DR

CCB

Ciclo *Atravessar o fogo*

Atravessar o fogo é ver o que se esconde do lado de lá. Um ato de libertação e curiosidade que se traduz num ciclo de oito concertos entre outubro de 2023 e maio de 2024, com a curadoria de Martim Sousa Tavares e a presença de alguns dos intérpretes mais singulares no plano nacional e internacional.

Música para quebrar barreiras, em horários e espaços menos comuns, que convida a novas formas de estar e de escutar.

PROGRAMA

James Tenney (1934–2006)

Septet

Steve Reich (n. 1936)

Electric Counterpoint

Fast

Slow

Fast

Fred Frith (n. 1949)

The As Usual Dance Towards the Other Flight to What Is Not

Lois V Vierk (n. 1951)

Go Guitars para 5 guitarras elétricas

Guitarras elétricas

Nuno Marques Pinto

Flavio Virzì

Gil Fesch

Steffen Ahrens

Christian Lozano

Compositores

James Tenney (1934–2006)

Nasceu em Silver City, no estado do Novo México, nos EUA, e cresceu no Arizona e no Colorado, onde recebeu a sua formação inicial como pianista e compositor. Frequentou a Universidade de Denver, a Juilliard School of Music, o Bennington College (bacharelato em 1958) e a Universidade de Illinois (mestrado em 1961). Entre os seus professores e mentores estão nomes como Eduard Steuermann, Chou Wen-Chung, Lionel Nowak, Carl Ruggles, Lejaren Hiller, Kenneth Gaburo, Edgard Varèse, Harry Partch e John Cage. Intérprete, além de compositor e teórico, foi cofundador e maestro do Tone Roads Chamber Ensemble, em Nova Iorque (1963–70). Foi um pioneiro no campo da música eletrónica e computacional, tendo trabalhado com Max Mathews e outros profissionais nos Bell Telephone Laboratories no início dos anos 1960 para desenvolver programas para composição de som por computador. Compôs obras para uma diversidade de meios, tanto instrumentais quanto eletrónicos, muitos deles usando sistemas de afinação alternativos. Foi autor de vários artigos sobre acústica musical, música computacional e forma e percepção musical, bem como dois livros: *META + HODOS: A Phenomenology of 20th-Century Musical Materials and an Approach to the Study of Form* (1961; Frog Peak, 1988) e *A History of 'Consonance' and 'Dissonance'* (Excelsior, 1988). Professor desde 1966, foi professor Emérito na York University (Toronto), onde lecionou durante 24 anos, e ocupou pela última vez a Cátedra Roy E. Disney Family em Composição Musical no California Institute of the Arts. A sua música é lançada e distribuída pela Sonic Art Editions (Baltimore), Frog Peak (Lebanon, New Hampshire) e Canadian Music Centre, e foi gravada no Artifact, col legno, CRI, Hat[now]ART, Koch International, Mode, Musicworks, New World, Nexus, oodiscs, Soundprints, SYR e Toshiba EMI.

Steve Reich (n. 1936)

Foi considerado «o pensador musical mais original do nosso tempo» (*The New Yorker*) e «entre os grandes compositores do século» (*The New York Times*). A partir da década de 1960, as

peças *It's Gonna Rain*, *Drumming*, *Music for 18 Musicians*, *Tehilim*, *Different Trains*, e muitas outras, ajudaram a mudar o centro estético da composição musical a nível mundial, afastando-se da extrema complexidade e repensando, de novas formas, a pulsação e a atração tonal. Continua a influenciar as gerações mais jovens de compositores, músicos e artistas em todo o mundo.

Double Sextet ganhou o Prémio Pulitzer em 2009 e *Different Trains*, *Music for 18 Musicians* e um álbum com as suas obras para percussão foram premiados nos Grammys. Recebeu o Praemium Imperiale em Tóquio, o Polar Music Prize em Estocolmo, o Leão de Ouro na Bienal de Veneza, o prémio Frontiers of Knowledge da Fundação BBVA em Madrid, o Debs Composer's Chair no Carnegie Hall e a Medalha de Ouro em Música da American Academy of Arts and Letters. Recebeu o título de *Commandeur de l'Ordre des Arts et des Lettres* em França e é doutor *honoris causa* pelo Royal College of Music de Londres, pela Juilliard School de Nova Iorque e pela Liszt Academy de Budapeste, entre outras instituições.

Um dos compositores mais coreografados, vários coreógrafos notáveis criaram coreografias para a sua música, incluindo Anne Teresa de Keersmaecker, Jirí Kylián, Jerome Robbins, Justin Peck, Wayne McGregor, Benjamin Millepied e Christopher Wheeldon. As obras documentais de vídeo-ópera de Reich – *The Cave* e *Three Tales*, realizadas em colaboração com a vídeoartista Beryl Korot – abriram novos rumos para o teatro musical e foram apresentadas em quatro continentes. O seu *Quartet*, para o percussionista Colin Currie, esgotou dois concertos consecutivos no Queen Elizabeth Hall, em Londres, logo depois de dezenas de milhares de pessoas terem ouvido Jonny Greenwood (dos Radiohead) a tocar a peça *Electric Counterpoint* no Festival de Glastonbury, seguido pela London Sinfonietta que interpretou a composição *Music for 18 Musicians*. «Existem apenas um punhado de compositores vivos que podem legitimamente alegar ter alterado o rumo da história musical e Steve Reich é um deles», *The Guardian*.

Fred Frith (n. 1949)

Compositor, multi-instrumentista (baixo, teclado, violino) e improvisador, tocando em várias permutações de guitarra elétrica e acústica.

Ocasionalmente, Fred Frith usa instrumentos de cordas criados pelo próprio. Aprendeu a compor em bandas de rock, começando com os Henry Cow em 1968. Isto significava escrever para e com pessoas que conhecia e chegar ao resultado através de um processo de ensaio coletivo.

Durante os anos em que fez parte dos Henry Cow, apaixonou-se pelo estúdio de gravação e pelas suas possibilidades infinitas. Frith abraça a ideia da «obra» como uma entidade inacabada e em constante mutação. A colaboração, a improvisação, a escultura do som em estúdio e o tratamento da composição como um processo aberto continuam a ser fundamentais na forma como faz música.

Lois V Vierk (n. 1951)

Natural de Lansing Illinois, no subúrbio de Chicago, nasceu em 1951. Estudou composição no California Institute of the Arts com Mel Powell, Leonard Stein e Morton Subotnick. Durante dez anos estudou *Gagaku* (Música da Corte Japonesa) com Suenobu Togi, em Los Angeles, e durante dois anos estudou em Tóquio com Sukeyasu Shiba, o flautista ryuteki principal da Orquestra Gagaku. Vierk passou a maior parte da sua carreira em Nova Iorque. A sua música alcançou uma reputação internacional impressionante. Recentemente foi apresentada em concertos «retrato do compositor» na Rádio Alemã, em Colónia, e por outros *ensembles* alemães e suíços. As encomendas incluem *Silversword* para o Lincoln Center Festival, onde foi interpretada pelo Reigakusha Ensemble de Tóquio, *River Beneath the River*, encomendada pelo Barbican Centre, em Londres, para o Kronos Quartet, que já a tocou muitas vezes.

Entre os muitos intérpretes, formações e instituições que lhe encomendaram peças estão os pianistas Ursula Oppens, Frederic Rzewski, Aki Takahashi e Margaret Leng Tan; o acordeonista Guy Klucevsek, a violoncelista Maya Beiser e o percussionista Steven Schick, o Ensemble Modern, the Kitchen, Paul Dresher Ensemble,

Bang on a Can Festival, L'Art Pour L'Art e Music from Japan. Cocriações com a coreógrafa de sapateado Anita Feldman foram encomendadas pelo American Dance Festival, pelo Mary Flagler Cary Charitable Trust e pelo Meet the Composer, entre outros. Filmes de Holly Fisher que contam com a sua música foram exibidos nos principais festivais de cinema dos EUA e da Europa. A música de Vierk foi tocada nas principais salas do mundo, incluindo o Carnegie Hall, o Lincoln Center, os festivais Bang On A Can, Darmstadt, Radio Bremen, o Festival de Huddersfield, o Festival de Schleswig-Holstein, o Edmonton New Music Festival (Canadá), o Festival Suntory (Tóquio), o Festival Adelaide (Austrália). As suas gravações estão disponíveis na New World Music, Tzadik Records, XI Records, Sony Classical, Starkland Records. Vierk compôs para muitos formatos performativos, desde piano solo (*Yeah Yeah Yeah; To Stare Astonished at the Sea*) até quarteto de cordas (*River Beneath the River; Into the Brightening Air*), *ensemble* de câmara (*Timberline, Red Shift* para *ensemble* misto; *Simoom* para 8 violoncelos; *Tusk* para 18 trombones; *Go Guitars* para 5 guitarras elétricas; *Cirrus* para 6 trompetes, etc.) e para orquestra (*Devil's Punchbowl*).



Nuno Marques Pinto © Kay Fochtmann



Flavio Virzi © DR



Gil Fesch © Gil Fesch



Steffen Ahrens © Leonhard Dering



Christian Lozano © Naomi Tolksdorf

Nuno Marques Pinto

Natural do Porto, Nuno Marques Pinto é um multi-instrumentista que se dedica sobretudo à música de câmara e à criação contemporânea.

Nestas áreas, tocou com agrupamentos como o Ensemble LUX:NM (Alemanha), o Ensemble Vertixe Sonora (Espanha), o KapModern (Alemanha), o Collective Lovemusic (França), o Ensemble Tempus Konnex (Alemanha), o Ensemble El Perro Andaluz (Alemanha), o TAL Trio (Portugal), o Contemporary Insights (Alemanha) e a Lucerne Festival Contemporary Orchestra (Suíça).

Enquanto solista, apresentou-se com a Sinfonieorchester Basel (Basileia, Suíça), com a Orquestra XXI (Portugal) e com a Orquestra de la Marina Alta (Valência, Espanha). Nuno fez a sua formação em guitarra clássica, com a professora Maria Paula Marques e com o professor José Pina, tendo ainda completado dois mestrados na Universidade de Basileia (Suíça), na classe do professor Stephan Schmidt.

Flavio Virzì

Natural de Palermo (Itália), Flavio Virzì é guitarrista e compositor. A sua abordagem ousada no mundo da música levou-o a explorar repertórios e estéticas muito diversos, tendo colaborado com artistas nas mais variadas áreas. Foi convidado para tocar com *ensembles* como o Ictus Ensemble, o Ensemble Contrechamps, o Ensemble Mosaik, a Staatsoper Hamburg, o MusicAeterna, a Frankfurt Oper, a Bayerische Staatsoper, entre outros. Estreou várias obras para guitarra acústica e elétrica, bandolim, banjo e baixo elétrico, de compositores como Georg Friedrich Haas, Manfred Stahnke, Riccardo Nova, Gordon Kampe, Anna Korsun, Giovanni Mancuso, Thierry Pécou, etc. Enquanto compositor, a sua obra é uma espécie de «processo digestivo» de vários elementos, explorando afinações microtonais, elementos de tradições musicais extraeuropeias e improvisação. As suas gravações foram lançadas por editoras como a Wergo, a Stradivarius, a DaVinci publishing e Limit cycle records.

Flavio formou-se em guitarra clássica no Conservatório A. Scarlatti, em Palermo. Obteve o Diplôme Supérieur d'exécution na école normale de musique «A. Cortot» (Paris), na classe do professor Alberto Ponce e, posteriormente, dois mestrados na Musik-Akademie der Stadt Basel: mestrado em *performance* e mestrado especializado em música contemporânea.

Gil Fesch

Músico, sociólogo, editor e programador cultural. Gil Fesch nasceu no Porto, em 1985. Licenciado e mestre em *performance* musical — pela Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo (2008) e pela Hochschule für Musik Basel (2010 e 2012), respetivamente —, iniciou os seus estudos musicais aos 11 anos, com o seu pai, Pedro Fesch, tendo, *a posteriori*, sido orientado pelos guitarristas José Pina e Stephan Schmidt. Trabalhou, em cursos de aperfeiçoamento, com Alberto Ponce, Eduardo Fernández, Fábio Zanon, Gunnar Spjuth, Julius Kurauskas, Margarita Escarpa, Roland Dyens e Tilman Hoppstock. Durante a sua formação, dedicou-se em particular ao estudo da música contemporânea, beneficiando do contacto com figuras como Helmut Lachenmann, Sofia Gubaidulina, Georg Friedrich Haas, Michel Roth, Mike Svoboda, Pablo Márquez, Elena Cásoli ou Fred Frith. Apresentou-se, a solo ou integrado em formações de música câmara, em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Suíça e Rússia, num trajeto em que se destacam pontuais colaborações com músicos como Stephan Schmidt, Ivan Monighetti e Alexander Rudin, mas também a sua estreia, em 2011, com a Basel Sinfonieorchester, interpretando *Trois Graphiques*, de Maurice Ohana, sob direção de Daniel Klajner. Investigador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, doutorou-se, em 2020, na área da

sociologia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), com a tese *Os impasses da música contemporânea: Estudo qualitativo pluriperspectivado em contexto de ensemble*. Produziu e editou trabalho no âmbito da estética, história da música contemporânea, teoria social, políticas culturais e programação artística. Em 2017, publicou, sob a chancela das Edições Afrontamento, *De um fio indizível: Livro de memórias do Coral de Letras da Universidade do Porto*. Fez ainda apoio dramático, reflexão crítica e pesquisa documental em espetáculos como *Pátria* (2019), de Bernardo Carvalho, ou *Airbnb & Nuvens: uma rádio novela* (2020), de Luísa Costa Gomes, ambos levados a cena sob direção de Manuel Tur. É, desde 2019, responsável pela produção e gestão de concertos da Orquestra XXI. Enquanto produtor, esteve diretamente envolvido em estreias nacionais de obras de autores como Hans Werner Henze, Dai Fujikura, Jonathan Harvey ou Steve Reich.

Steffen Ahrens

Vive e trabalha na cidade de Frankfurt, depois de ter feito a sua formação em Hannover e Hamburgo. O seu principal interesse, além do repertório clássico, é a interpretação de música contemporânea e experimental.

Neste contexto, Steffen é membro do oh ton-ensemble (Oldenburg, Alemanha) e membro fundador do duo leise dröhnung (violoncelo e guitarra), juntamente com o violoncelista Niklas Seidl.

Tocou com agrupamentos como o Ensemble Modern, o *ensemble musikFabrik*, a SWR Symphony, a Bamberger Symphony e a ópera de Frankfurt.

Atualmente, Steffen leciona na Universidade de Música de Frankfurt.

Christian Lozano

Natural da Cidade do México, nesta cidade estudou na Escola Superior de Música com Leticia Alba e com Juan Carlos Laguna. Em 2006, ingressou na Musik Akademie der Stadt Basel na Basileia (Suíça) onde completou o *konzertdiplom* e o mestrado em Pedagogia, na classe do professor Pablo Márquez.

Participou em diversos cursos de interpretação de música antiga, improvisação e música contemporânea com professores como Abel Carlevaro, Alberto Ponce, Paul Galbraith, Fabio Zanon, Stephan Schmidt, Eduardo Fernández, Magnus Anderson, Fred Frith e Pablo Gomez.

A par do repertório tradicional para guitarra, Christian Lozano especializou-se na música dos séculos XX e XXI. Como membro do Collective Lovemusic, teve a oportunidade de colaborar e estreitar obras de compositores como Helmut Oehring, Malin Bång, Erin Gee, Santiago Diez Fischer, Philip Venables, Hugo Vasco Reis, Maurizio Pisati, Claire-Melanie Sinnhuber, Sylvain Marty, Maximilliam Marcoll, Kelley Sheenan, Michelle Agnes Magalhães, Finbar Hosie, David Bird, entre outros. A sua atividade musical levou-o a tocar em vários festivais na Alemanha, França, Inglaterra, Estados Unidos, México, Paraguai, Portugal e Suíça, como o Huddersfield Contemporary Music Festival, Klangwerkstatt Berlin e o MUSICA Strasbourg Festival.

Christian reside na Basileia (Suíça), onde é professor de guitarra na Musikschule Riehen (Musik-Akademie Basel).

JÁ A SEGUIR
19 MAIO

Orquestra Metropolitana de Lisboa *Concerto para Violino e Orquestra de Brahms*

O *Concerto para Violino e Orquestra* de Brahms sempre dividiu opiniões. O aparato sinfónico leva alguns a entenderem-no como um Concerto «contra» o Violino, ao passo que outros, ao invés, acham ser um Concerto para Violino «contra» a Orquestra. São 40 minutos sublimes, assim confiados à interpretação do prestigiado violinista alemão Franz Peter Zimmermann e do maestro Pedro Neves à frente da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Antes disso, o belíssimo *Nocturno* composto por Joly Braga Santos aos 18 anos abre caminho à estreia absoluta de mais uma obra de Miguel Azguime – bem a propósito, um *Concerto para Orquestra*.

Domingo

19h00

Grande Auditório

M/6

Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



APOIO MEDIA



COFINANCIADO POR

